

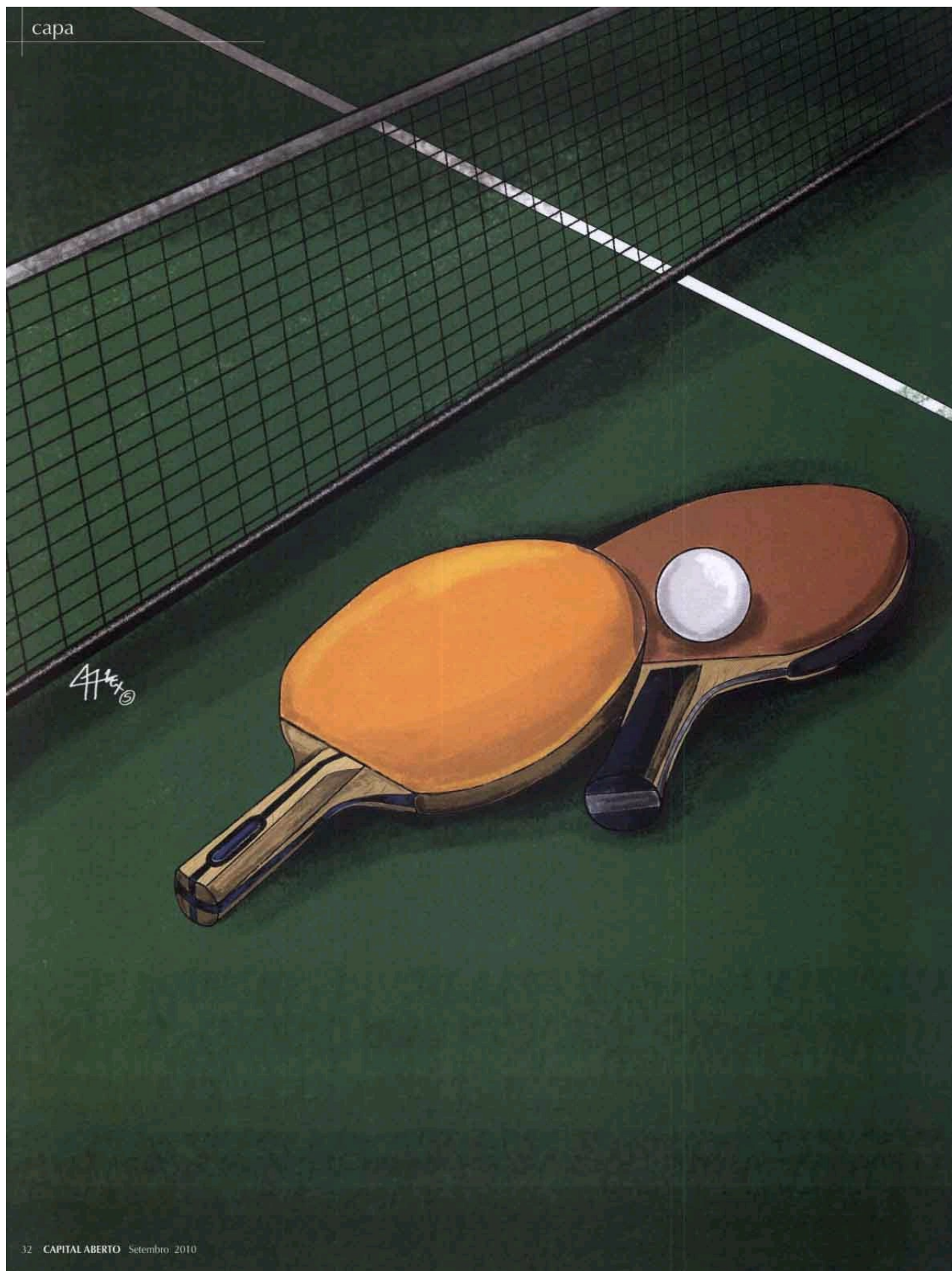
Título: Jogo rápido

Veículo: Revista Capital Aberto - SP **Seção:** ***

Centimetragem: 222,5

Página: 32 a 38

Data: 01/09/2010



Jogo rápido

Poucas palavras às vezes dizem muito. Foi com essa ideia em mente que convidamos nove especialistas para participar de entrevistas bate-bola sobre os temas regulação, governança, relações com investidores, contabilidade, legislação, bolsas de valores, investimentos, captações e abertura de capital. Para cada um deles, fizemos sete perguntas curtas. E obtivemos informações curiosas sobre suas perspectivas para o futuro e preocupações com o presente — além, é claro, de algumas frases saborosas. Confira nas próximas páginas.

O mercado é aqui



Presente em todos os lugares, ao mesmo tempo. É assim que o diretor-presidente da BM&FBovespa, Edemir Pinto, quer que ela seja. O principal executivo da maior bolsa de valores da América Latina tem como plano atingir os principais mercados do mundo, mas não por meio de aquisições. Sua estratégia é usar a tecnologia para permitir que investidores estrangeiros acessem com “sistemas amigáveis” o pregão paulista.

Um desafio — “Trazer toda a liquidez dos papéis das companhias brasileiras para dentro do nosso País. Hoje, o volume de negociação de alguns ADRs chega a ser duas vezes e meia maior que o movimentado aqui.”

Uma conquista — “A consolidação das bolsas brasileiras.”

Bolsa única ou competição? — “A legislação já permite mais bolsas no Brasil. Nossa preocupação é construir um modelo para a BM&FBovespa que, por si só, dificulte a competição.”

O Bovespa Mais ... — “Esse é um grande projeto. Hoje, temos 14 mil empresas no radar, com faturamento anual entre R\$ 100 milhões e R\$ 400 milhões.”

Um incômodo — “O fato de o governo não reconhecer o mercado de capitais brasileiro como deveria. É inadmissível termos a incidência de IOF.”

Um orgulho — “Os sistemas de regulação e autorregulação que construímos para os mercados financeiro e de capitais.”

5 milhões de pessoas físicas — “Com a economia equilibrada e os juros em declínio, o povo brasileiro tem de participar dos lucros e da expansão das companhias.”

Gratas surpresas

A frente da área de asset management da Credit Suisse Hedging-Griffo, Luis Stuhlberger é criador e gestor do fundo Verde, um multimercado que acumulou valorização de 5.000,37% entre 1997 até julho de 2010, contra um retorno de 834,62% do CDI no mesmo período. Além do famoso histórico de rentabilidade, a gestora de recursos também é conhecida por seu ativismo societário.



Uma conquista — “Elencaria duas. A primeira é a interação construtiva entre a estrutura regulatória formada pela tríade CVM, Banco Central e Receita Federal com a Anbima em prol do desenvolvimento do mercado. A segunda, a solidez da BM&FBovespa e da CBLC como plataformas de trading, liquidez e garantia das operações. Essas foram conquistas particulares do mercado brasileiro.”

Um desafio — “Chegar a uma geração em que teremos juros mais baixos.”

Nunca imaginei que ... — “Teríamos tanto patrimônio sob gestão.” Segundo dados da Anbima, esse valor atingiu, em julho, R\$ 1,530 trilhão para toda a indústria.

Um incômodo — “A complacência do mercado com incorporações de controladas a preços vis para os preferencialistas minoritários.”

Um dia foi ilusão — “O investment grade do Brasil, principalmente para quem viveu nos anos 70.”

Não desisti de ... — “Achar que o Brasil tem tudo para se tornar uma plataforma global de investimento.”

Um orgulho — “Ter participado ativamente da criação do conceito de multimercado no Brasil.”

“Desafio é não estragar a Lei”



A resistência por mais de 30 anos da Lei das S.As., espinha dorsal da legislação brasileira voltada ao mercado de capitais, consagrou-a como uma verdadeira obra de arte. Na avaliação de Paulo Aragão, sócio-fundador do escritório de advocacia Barbosa, Müssnich e Aragão (BM&A), o arcabouço permitiu que o País passasse por transformações profundas, muitas delas inimagináveis até pouco tempo aos olhos dos advogados.

Uma conquista — “A Lei das S.As., uma espinha dorsal de altíssima qualidade que tem resistido às mudanças. Agora, o desafio é não estragá-la, adaptá-la à economia e ao ambiente de negócios cada vez mais complexo.”

Me surpreende... — “A velocidade e a dimensão da acertada política do BNDES de fomento aos campeões nacionais.”

Uma decepção — “O Poder Judiciário não ter acompanhado a evolução do mercado de capitais.”

Não desisti de... — “Aperfeiçoarmos o mercado, a lei e as práticas corporativas.”

Poison pills — “É semelhante à venda de um terno de casimira para alguém que mora em Teresina, sob os argumentos de que ele atende suas demandas, além de ser a última moda, para depois esse pobre usuário descobrir que não consegue sair da roupa, de tão bem talhada que foi.”

Mudança necessária — “A Lei 6.385 (de 1976, que criou a CVM) precisa ser atualizada.”

Um sonho — “Ver que a CVM é mais importante para o Congresso Nacional. Eles ainda não se deram conta da sua relevância.”

Clínico geral

Ricardo Florence é presidente do Instituto Brasileiro de Relações com Investidores (Ibri) e diretor de planejamento e relações com investidores (DRI) do frigorífico Marfrig. Nessas funções, vivencia não só as transformações da área, mas também auxilia seus pares a lidarem com os novos desafios que surgem na atividade. “Hoje, os estrangeiros querem detalhes sobre a nossa capacidade de competir globalmente. As perguntas básicas sobre a economia ficaram para trás.”



Uma conquista — “A criação do cargo de DRI estatutário. Esse ainda é um sonho de muitos colegas fora do Brasil.”

Um desafio — “Hoje, o RI tem de ser um generalista, mas com conhecimento mais profundo em diversas áreas. É um clínico geral que, se necessário, precisa fazer pequenas cirurgias.”

Está na pauta de estudos... — “Contabilidade e aspectos legais de uma forma geral.”

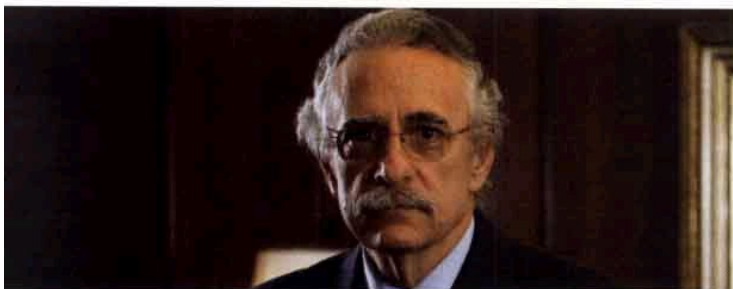
Nunca imaginei que... — “Os mercados internacionais reconheceriam o Brasil como uma oportunidade de investimento.”

Um incômodo — “Erros recorrentes. Existem erros de julgamento, mas é para isso que servem as orientações do Comitê de Orientação para Divulgação de Informações ao Mercado (Codim).”

Era ilusão... — “Pensar que ciclos não existem. A tarefa do RI é tentar explicá-los ao mercado. A bolha da internet foi um exemplo.”

Mídias sociais — “O RI nunca deve prejudicar o conteúdo em função da forma. E nem sempre o veículo mais moderno é o mais eficaz.”

O novo vai ficar velho



Gilberto Mifano, presidente do conselho de administração do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), ouviu a expressão “governança corporativa” pela primeira vez em 1994, justamente ao ser convidado para falar, no exterior, sobre o tema. Mifano não só aceitou o convite como transformou a governança em um de seus principais campos de estudo e atuação profissional.

Uma conquista — “O reconhecimento da importância da governança. Antigamente, o assunto era visto como algo importado, que fazíamos para cumprir tabela.”

Um desafio — “Ampliar a abertura de remuneração, as avaliações de conselho, a presença de conselheiros independentes e a transparência das empresas.”

Nunca imaginei que ... — “A governança fosse se espalhar em nichos tão diferentes, como ONGs e empresas estatais.”

Um incômodo — “Acharem que temos que copiar o que vem de fora. A boa governança é a que funciona.”

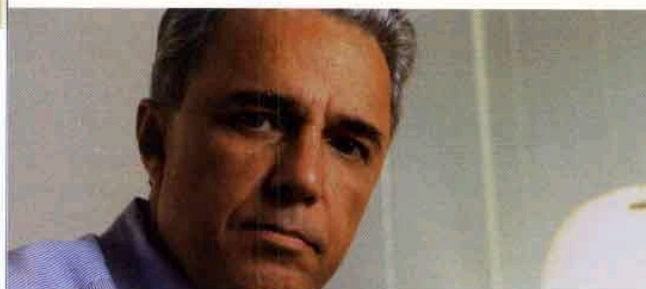
O Novo Mercado é... — “O mercado brasileiro. Uma hora ele vai deixar de se chamar assim. Primeiro, porque ficará velho. Segundo porque, provavelmente, não existirá outro mercado.”

A poison pill é... — “Nociva quando estabelece uma barreira desproporcional à mudança de controle. A pílula boa é aquela que protege a dispersão do capital, mas dá chance de saída para quem deseja.”

Não desisti de... — “Sonhar com o dia em que as boas práticas serão levadas a outras áreas da atividade humana.”

Pedido a Brasília

Atualmente, 464 companhias estão listadas na Bolsa, e a expectativa da BM&FBovespa é que mais 200 se juntem a esse grupo em cinco anos. Para que os IPOs continuem, Luiz Spinola, presidente do conselho de administração da Cremer, acredita que algumas mudanças sejam necessárias — inclusive, em Brasília.



Para que mais companhias abram o capital — “O governo precisaria reduzir o déficit fiscal nominal. Assim, teríamos inflação e juros mais baixos, favorecendo o investimento em ações.”

O BNDES... — “Deveria parar de conceder tantos empréstimos às empresas, deixando a capitalização a cargo do mercado.”

Um incômodo — “A pouca disposição do governo de entender o funcionamento do mercado de capitais e zelar para que ele continue inspirando confiança.”

Era ilusão... — “Esperar que a sociedade brasileira mudaria de mentalidade a partir da privatização bem-sucedida dos anos 90. Muitas pessoas ainda têm saudade das estatais mal administradas.”

Conselho para quem vai abrir o capital — “Se preparar bastante, mudando a mentalidade de dono para a de gestor que passa a ter vários sócios.”

Abertura dos salários de executivos — “Foi uma boa iniciativa, mas a CVM poderia ter sido mais flexível, permitindo o modelo do ‘aplique ou explique’ na divulgação dos salários dos administradores.”

O investidor estrangeiro — “É um agente importantíssimo, não só pelos recursos que aloca, mas também por exigir das companhias emissoras um alto e moderno padrão de conduta.”

Hora de abrir a cabeça



Companhias, contadores e auditores correm contra o tempo para cumprir as exigências decorrentes da adoção das normas internacionais de contabilidade, conhecidas pela sigla em inglês IFRS. O trabalho será concluído na divulgação dos balanços consolidados de 2010, mas a parte mais desafiadora ainda está por vir. “É difícil a implantação da essência, inclusive entre os auditores”, avalia Eliseu Martins, professor de contabilidade e um dos maiores especialistas do País no assunto.

Uma conquista — “A implantação das normas internacionais de contabilidade no Brasil. Elas colocam o País em linha com o que há de melhor no mundo.”

Um desafio — “A qualidade das normas internacionais quando aplicadas pelas pequenas e médias empresas.”

Nunca imaginei que... — “Fosse possível implantar uma norma única para o mundo inteiro e que o Brasil fosse separar a contabilidade societária da contabilidade fiscal.”

Merece aplausos — “A mudança de postura da Receita Federal, que entendeu a contabilidade como um instrumento de gestão das empresas e não apenas de arrecadação.”

Um incômodo — “Dizer que algo é meramente contábil. Após o ingresso do Brasil no padrão internacional, a tendência é que a informação contábil ganhe cada vez mais importância.”

Essência sobre a forma — “Estamos acostumados com a forma. Está sendo difícil a implantação da essência. É preciso flexibilizar a cabeça.”

Não desisti de... — “Sermos capazes de exportar técnicas contábeis, como a de correção monetária de balanços.”

Só faltam as pequenas



De janeiro a julho deste ano, o Brasil captou cerca de R\$ 7,4 bilhões em ofertas iniciais de ações (IPOs, na sigla em inglês), segundo dados da BM&FBOvespa. Foram apenas oito operações, mas o suficiente para colocar o País na terceira melhor colocação do mundo dentre os emergentes — atrás apenas de China e Índia. E é possível avançar ainda mais. Para isso, José Olympio Pereira, co-head de investment banking do Credit Suisse no Brasil, acredita ser fundamental a criação de um mercado que viabilize a captação por parte de pequenas e médias empresas.

Uma conquista — “A aquisição do investment grade pelo País.”

Um desafio — “Criar um mercado de instrumentos de dívida corporativa de longo prazo.”

Nunca imaginei que ... — “O Brasil se tornaria o terceiro maior mercado global de IPOs.” (*Esta foi a marca atingida em 2009. Em 2010, até julho, segundo a Bloomberg, o Brasil estava em sétimo lugar*)

Um incômodo — “As pessoas que compram IPOs sem ler o prospecto.”

Era ilusão ... — “Achar que 100% dos IPOs dariam certo.”

Não desisti de — “Criar um mercado de IPOs para empresas pequenas e médias.”

Um orgulho — “Termos liderado a onda de IPOs desta última década.”

Regulação boa chega atrasada

No seminário de direito do mercado de capitais realizado em agosto pela Associação Brasileira dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), em São Paulo, Maria Helena Santana, presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), definiu a atuação do regulador: “Para ser boa, a regulação tem de ser atrasada. Se não, pode inibir progressos.” Geralmente, a conduta da autarquia tem sido pautada como uma resposta aos caminhos abertos pelo mercado. Mas as discussões internacionais já apontam uma nova direção. “O regulador não pode ficar parado diante do crescimento dos riscos. Tenho a impressão de que as regras mudarão mais rapidamente”, diz Maria Helena.



Uma conquista — “O crescimento da utilidade do mercado de capitais para a economia brasileira. A CVM teve um papel nisso, com a regulação.”

Nunca imaginei que ... — “O Brasil fosse se tornar um dos maiores mercados de ações do mundo.”

Um incômodo — “A falta de flexibilidade e de recursos para gerir a CVM.”

Um orgulho — “O progresso da CVM na área de enforcement nos últimos sete anos.”

Regulação ou autorregulação? — “As duas, se complementando e se articulando.”

Peso da política na regulação — “Não existe no caso da CVM. Essa é a minha experiência.”

Termos de compromisso — “Aceleraram o impacto no bolso e a mensagem que deve ser dada ao mercado.”